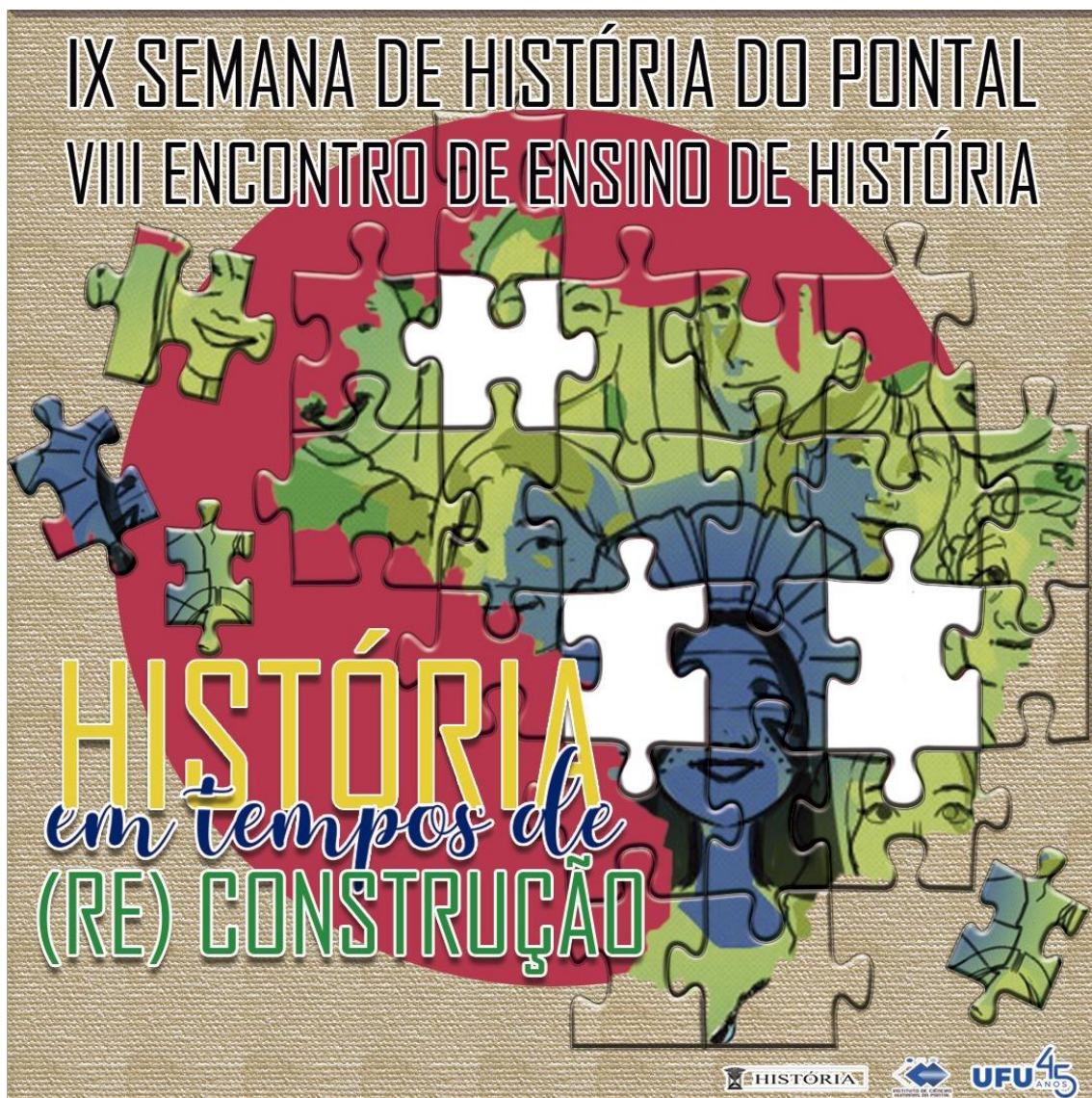


CADERNO DE PROGRAMAÇÃO – COMUNICAÇÕES LIVRES

SESSÃO 2



COMUNICAÇÕES LIVRES

Sessão 2

25/10/2023

Coordenação:

Thiago Groh (Universidade Federal do Norte do Tocantins)



A modernidade do século XIX pela ótica de Charles Baudelaire

Maria Eduarda Tozelli

Maria Eduarda Cavichioli da Silva

Maria Brenda Macedo

Universidade Federal de Uberlândia

Resumo: Essa apresentação tem como intuito entender os processos de modernização do século XIX, sobretudo na literatura, pensando nos escritos de Charles Baudelaire. Para isso, será usado seus poemas “As flores do mal” (1857), “Spleen de Paris” (1869) e “O pintor da vida moderna” (1863), além disso, para nos ajudar na compreensão sobre modernidade e modernização pelos escritos do poeta iremos utilizar a obra de Marshall Berman, que utiliza-se dos conceitos sobre modernidade e cidades, principalmente.

BAUDELAIRE, Charles. As flores do mal. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. O spleen de Paris. Pequenos poemas em prosa. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

_____. Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna. Teixeira Coelho (org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1982.

BERMAN, Marshall. Baudelaire: O Modernismo nas Ruas. In: TUDO que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade. 1º Reimpressão. ed. [S. l.]: COMPANHIA DAS LETRAS, 1982. cap. III, p. 127-167.

CASTRO, Mariana dos Reis Gomes de. Tédio e modernidade em Baudelaire. 2014. 119 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

CHIAPPINI, L. Literatura e História. Notas sobre as relações entre os estudos literários e os estudos historiográficos. Literatura e Sociedade, [S. l.], v. 5, n. 5, p. 18-28, 2000.



GILENO, C. H. Charles Baudelaire e a Cidade de Paris. *Achegas net*, v. 39, p. 10 - 18, 2008.

MENEZES, Marcos Antônio. O Poeta Baudelaire e a Cidade de Paris. *Coletâneas do nosso tempo*, Rondonópolis - MI, v. VII, nº 8, p. 113 a 128, 2008.

MIRANDA, Dilmar. *História da arte II - do romantismo à contemporaneidade*. UECE/UAB Fortaleza: 2010.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, p. 21, 1995.

SILVA, Wendell Menezes da. *O pintor da vida moderna: crítica, arte e modernidade em Charles Baudelaire*. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade de Brasília, 2022.

KIRCHOF, E. R. A REPRESENTAÇÃO DA MODERNIDADE NA POESIA DE CHARLES BAUDELAIRE. *A Cor das Letras*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 43–52, 2017.



A peregrinação a Meca (rilha) de um mudéjar aragonês partindo de terras cristãs

Ximena Isabel León Contrera

Universidade de São Paulo

Resumo: Relatos sobre jornadas de viagens correspondem a um gênero popular e longo que se apresenta com particularidades conforme a época das jornadas e da escrita dos acontecimentos. No caso dos muçulmanos, a partir do século XII no Ocidente Islâmico, as rihlas se tornam objeto de enorme relevância e de escritos clássicos, alcançando enorme popularidade. A partir do relato de viagem de um mudéjar, que parte de Puey Monçon (reino de Aragão) em peregrinação a Meca no começo do séc. XVI (Las Coplas del Peregrino de Puey Monçon Viaje à la Meca en el siglo XVI), buscaremos refletir sobre aspectos das transformações e permanências, sociais e culturais, vividas por mudéjares e mouriscos, especialmente em Aragão na Espanha Moderna nesse período. A análise histórica do documento, bem como de outras rihlas mais ou menos contemporâneas produzidos em época próxima nos permitirão explorar as temáticas propostas no ST2 (Sociedade e Cultura na Época moderna, tendo em vista as condições encontradas pelos indivíduos pertencentes ao grupo mudéjar (muçulmano sob o governo católico) ou mourisco (converso) para a realização de determinadas práticas, tais como o empreendimento de uma peregrinação a Meca. Convém mencionar que este documento escrito em dialeto aljamiado permaneceu emparedado junto com outros (parte de uma oficina de encadernação) numa casa em Almonacid de la Sierra, tendo sido descoberto por acidente no final do século XIX. A nossa comunicação se baseia em traduções do manuscrito (acredita-se tratar de uma cópia) realizadas à época da descoberta.

Referências

AGUIAR AGUILAR, Maravillas. El relato de viajes (rihla) en la literatura árabe. In: OLIVER, José M et al (eds). Escrituras y reescrituras del viaje. Miradas plurales a través del tiempo y de las culturas. Bern: Peter Lang SA Editorial científica internacional, 2007, pp. 21-28.



ALMARCEGUI ELDUAYEN, Patricia. La metamorfosis del viajero a Oriente. *Revista de Occidente: Misioneros, comerciantes, marinos*, n. 280, 2004, pp. 105-117.

ARTAN, Tülay. Objects of consumption: Mediterranean interconnections of the Ottomans and Mamluks. In: FLOOD, Finbarr Barry; NECIPOĞLU, Gülru (ed.). *A Companion to Islamic Art and Architecture*, New York, John Wiley & Sons, pp. 903-930.

BAS MARTÍN, Nicolás. Los repertorios de libros de viajes como fuente documental. *Anales de Documentación*, n. 10, pp. 9-16, 2007.

BISSIO, Beatriz. O mundo falava árabe. A civilização árabe-islâmica clássica através das obras de Ibn Khaldoun e Ibn Battuta. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CASASSAS CANALS, Xavier. La riħla de Omar Patún: el viaje de peregrinación a la Meca de un musulmán de Ávila a finales del siglo XV (1491-1495). *Espacio, tiempo y forma, Serie III Historia Medieval*, 2015, n. 28, pp. 221-254.

_____. Tres riħlas mudéjares el viaje de peregrinación a La Meca de los musulmanes castellano-aragoneses durante los siglos XIV—XV. In: ECHEVARRÍA ARSUAGA, Ana Echevarría; MORENO MORENO, Yolanda; KADRI, Alice (ed.). *Circulaciones mudejares y moriscas: Redes de contacto y representaciones*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2018, pp. 93-125.

COLÁS LATORRE, Gregorio. Los moriscos de Aragón. MOLINER PRADA, Antonio (ed.). *La Expulsión de los Moriscos*. Barcelona: Nabla Ediciones, 2009, pp.179-210.

FERNÁNDEZ MEDINA, Esther. El aljamiado, lengua de resistencia. *Rencontres*, 2015, pp. 251-266.

FLORENZANO, Modesto. *Lições de História Moderna (séculos XV a XX)*. São Paulo: Intermeios, 2021

FRANCO SÁNCHEZ, Francisco. Los mudéjares, según la riħla de Ibn Aş-şabbāh (M. después 895/1490). *Sharq al-Andalus*, n. 12, 1995, pp. 375-391.

HARVEY, L.P. The Moriscos and the Hajj. *Bulletin (British Society for Middle Eastern Studies)*, v. 14, n. 1, 1987, pp. 11-24.

JUNQUEIRA, Mary Anne. *Velas ao Mar. U.S. Exploring Expedition (1838-1842). A viagem científica de circum-navegação dos norteamericanos*. São Paulo: Intermeios, 2015.

Las Coplas del Peregrino de Puey Monçón Viaje à la Meca en el siglo XVI por D. Mariano de Pano y Ruata correspondiente de la Real Academia de la Historia con una Introducción



de Dr. Eduardo de Saavedra de la Real Academia de la Historia. Zaragoza, Tip.de Comas Hermanos, Pilar 1 y 40. 1897

PETERS, F.E. *The Hajj: the Muslim Pilgrimage to Mecca and the Holy Places*. Princeton/NJ: Princeton University Press, 1994.

PROSPERI, Adriano. *Tribunais de Consciência. Inquisidores, Confessores, Missionários*. Trad. São Paulo: Edusp, 2013.

MONTANER FRUTOS, Alberto. El depósito de Almonacid y la producción de la literatura aljamiada (En torno al ms. Misceláneo XIII). *Archivo de filología aragonesa*, V. 41, 1988, pp. 119-152.

ZEMON DAVIS, Natalie. *Trickster Travels: A Sixteenth-Century Muslim between Worlds*. New York: Hill and Wang, 2006.

ROZA CANDÁS, Pablo (estudio, edición y glosario). *Memorial de ida i venida hasta Maka. La peregrinación de Omar Paṭõn*. Oviedo: Universidad de Oviedo, 2018. (versión resumida)

ZUÑIGA LÓPEZ, Ramón. Las coplas del Alhichante de Puey Monçon. *MEAH (Miscelânea de Estudios Árabes y Hebraicos)*, v.37-38, 1988-1989, pp. 449-479.



O Movimento Artístico Surrealismo: Uma análise dualista entre Rene Magritte e Frida Kahlo

Lorrayne Aparecida Moura Terrezza

Adriel Henrique de Andrade

Marina Maria Vieira Gomes

Universidade Federal de Uberlândia

Resumo: Este é um trabalho elaborado a partir da disciplina de Contemporânea I, do curso de história e tem como objetivo, diante do recorte histórico proposto, compreender o movimento artístico surrealista, através da dualidade entre dois artistas Rene Magritte e Frida Kahlo. O movimento Surrealista foi a última das vanguardas da Europa, e trouxe, assim como todos os outros movimentos vanguardistas antecessores, como o dadaísmo, por exemplo, a busca utópica do “homem em uma sociedade nova”, e assim como o próprio Dadaísmo, o Surrealismo surgiu em uma metrópole, e muito dos primeiros artistas surrealistas já haviam feito parte da corrente dadaísta, inclusive participado do conflito que acabara de chegar ao fim, a Primeira Grande Guerra. Inconsoláveis e revoltosos com o acontecimento que presenciaram, buscaram se distanciar de uma “civilização que os havia enviado para morte e agora esperava uma volta cinicamente para recomeçar de novo”. A manifestação artística carregava o conceito radical de liberdade, se colocando como uma “estética de redenção”, rejeitando toda a tradição capitalista dos meios de produção, de massificação e as péssimas condições da mão de obra explorada. O conceito de liberdade era imposto, ao ponto que, a corrente compreendia que, a razão humana deveria se libertar de qualquer tipo de controle externo e recuperar a forma humana que respondesse aos seus instintos mais primitivos, mergulhando então em uma visão totalmente introspectiva de si mesmo. Bebendo diretamente da fonte psicanalista, onde Freud associava o ser humano como uma criatura perversa que sobrepuja sua libido em projeções de imagens inconscientes por meio de uma simbologia reprimida, os surrealistas buscavam revelar então esses mistérios. Eles acreditavam que a realidade dos sonhos e o subconsciente era tão real e coerente, quanto a realidade que nos cerca, e que por meio de alguns mecanismos essa parte poderia ser acessada, liberando todo o potencial imaginativo e criativo do subconsciente. Visão essa, totalmente influenciada por uma leitura que desvirtuava a psicanálise, os levando a acreditar que os sonhos eram um substitutivo do pensamento



dirigido, e que ao invés da razão, o inconsciente é que deveria conduzir as ações humanas. Portanto, o surrealismo foi definido conforme o “automatismo psíquico puro pelo qual se exprime, quer verbalmente, quer por escrito, quer de outra maneira, o funcionamento real do pensamento [...] na ausência de qualquer controle exercido pela razão, fora do âmbito de qualquer preocupação estética e moral”.

A partir desse contexto, propomos uma análise de duas obras de artistas surrealistas, o belga, Rene Magritte, e sua obra intitulada “O Filho do Homem” (1964), e a artista mexicana, Frida Kahlo, e sua obra “As Duas Fridas” (1939), na busca de um diálogo entre os dois pintores que fizeram parte de uma mesma escola artística, em momentos distintos, mas que podem ser revistos como “yin e yang” do Surrealismo.

Referências

As Duas Fridas, 1939. Google Arts & Culture. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/as-duas-fridas-1939/_wJCem8xJOWKLw?hl=pt-BR>. Acesso em 18, janeiro, 2023.

DÍAZ, M^a del Carmen Fernández. La «escritura» surrealista de Frida Kahlo. Estudios Románicos, p. 417-424, 2007.

DOS SANTOS, Carolina Junqueira. A ordem secreta das coisas: René Magritte e o jogo do visível. 2006

GUINSBURG, Jacó; LEIRNER, Sheila. O surrealismo. Editora Perspectiva SA, 2020.

HELLMANN, Risolette Maria. A trajetória da arte surrealista. Revista Nupem, v. 4, n. 6, p. 119-131, 2012.

NOEHLES, Laura Rodrigues. O não-surrealismo de Frida Kahlo. Conhecimento & Diversidade, v. 5, n. 9, pág. 28-36, 2013.

O Filho do Homem, 1946 de Rene Magritte. Rene Magritte. Disponível em: <<https://www.renemagritte.org/>>

WALKER. Suzy. Review Contrasting Rene Magritte and Frida Kahlo. Western Art. 2017.



Os guardiões do meu pavilhão - A escola de samba enquanto espaço ancestral. Ritos, signos e personagens.

Fernando Nilson Constancio

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Resumo: As escolas de samba se constituíram enquanto espaços importantes de resistência, tradição e ancestralidade, através de suas formas de organizações únicas, ritos, signos e a emergência e reverência de personagens importantes para sua construção, reafirmação e reverberação. É deste modo que a presente pesquisa se insere nas discussões relacionadas ao universo das escolas de samba para pensar e articular a ancestralidade e a memória através da figura da velha guarda nos desfiles carnavalescos na cidade de Florianópolis, denominados enquanto “guardiões do meu pavilhão”. Focalizando determinadas discussões no universo das escolas de samba de Florianópolis, o artigo busca apresentar o surgimento das escolas de samba e seus territórios enquanto espaços de luta e ancestralidade; a velha guarda enquanto guardiã do samba e da memória das entidades carnavalescas, através de suas sabedorias, ritos e signos. E, por fim, trazer enquanto exemplo a menção dos desfiles carnavalescos da Protegidos da Princesa (2015) e da Dascuia (2018) em Florianópolis que buscaram, através de suas narrativas, articular a questão da ancestralidade e da identificação de seus enredos com as comunidades das escolas de samba. Enquanto arcabouço teórico e metodológico, a presente pesquisa recorre aos estudos de Blass (2011); Cocentino (2015); Eugenio (2019); Leite (2008); Tramonte (1996).

Referências

AGUIAR, Maria Lívia de Sá Roriz; ANDRADE, Regina Glória Nunes. Velha Guarda do Samba Carioca: uma etnografia da memória através das festas, 2014.

BLASS, Leila Maria da Silva. Velha Guarda de escolas de samba: concepções e paradoxos. Universidade Federal da Bahia, 2011.

COCENTINO, Jamille Mamed Bomfim. Envelhecimento e samba: A música como um recurso para a compreensão da velhice. Brasília-DF, 2015.



EUGENIO, Rodnei William. A memória ancestral de Pai Pérsio de Xangô: expansão e consolidação do candomblé paulista. 195 f. Tese. Doutorado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2019

FONSECA, Christian Gonçalves Vidal da. O Tambor que fala: Narrativas de Áfricas nos enredos carnavalescos do Rio de Janeiro (2003 a 2018). Universidade do Estado de Santa Catarina, 2019. Disponível em: <<https://www.udesc.br/faed/ppgh/dissertacoes/disserta%C3%A7oes2019>>

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Vértice / Editora Revista dos Tribunais, 1990.

LEITE, Fabio. A questão ancestral: África negra. São Paulo: Palas Athena, 2008

NOGUEIRA, Azânia Mahin Romão. Territórios Negros em Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis. 2018.

NOGUEIRA, Nilcemar; ANDRADE, Regina Glória Nunes; VASQUEZ, Georgie Echeverri.

Ancestralidade africana da cultura e da identidade do samba. Rev. Subj. [online]. 2016, vol.16, n.1, pp. 166-180. ISSN 2359-0769. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.16.1.166-180>. Acesso em: 04 de Maio de 2023.

MOTTA, L. G. Análise crítica da narrativa. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

POLLAK, M. Memória e identidade social. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

REZENDE, Rafael Otavio Dias; REIS, Marco Aurélio. Noticiário expandido para a Sapucaí: O poder da narrativa carnavalizada para o jornalismo político. INTERCOM, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Belém, Pará; 2019

ROCHA, José Geraldo da; SILVA, Cristina da Conceição. Traços da religiosidade africana no carnaval carioca. Horizonte, Belo Horizonte, v. 11, n. 29, p. 53-69, jan./mar. 2013. ISSN 2175-5841.

TRAMONTE, Cristiana. O Samba Conquista Passagem: as estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis. Florianópolis: Diálogo, 1996.



Minha vida de menina: histórias de meninas no Brasil oitocentista

Naiara Stefani de Souza Rocha Cirqueira

Universidade Federal de Uberlândia

Resumo: O diário como fonte é um campo de análise muito recente no Brasil, especialmente na área de História, contudo os trabalhos neste campo vêm crescendo. Contribuindo para isso, esta pesquisa reflete sobre o livro *Minha vida de menina*, escrito em formato de diário entre os anos de 1893 e 1895, na cidade de Diamantina (MG), e publicado em 1942. Sua autora é a diamantinense Helena Morley, pseudônimo de Alice Dayrwill Caldeira Brandt, nascida em 28 de agosto de 1880 e falecida em 22 de junho de 1970. Em seus relatos, a menina apresenta sua visão sobre questões sociais, raciais, políticas e religiosas, assim como, sua relação com a família, amigos e comunidade. Todavia, ao pesquisar sobre este livro percebe-se que tanto autora, quanto obra são postos como à frente de seu tempo. Esta colocação é justificada pelo pressuposto de que Helena ao questionar preceitos de sua época, tais como, a condição feminina, torna-se diferente das demais mulheres de sua família e membros da sociedade diamantinense. Isto posto, este projeto parte das reflexões de Sidney Chalhoub (1998), que ao pensar a literatura à luz da história social, propõe uma historicização das obras literárias, inserindo-as na sociedade e no tempo. Em síntese, é preciso que o historiador desmistifique a literatura e a interrogue como faria com qualquer outra fonte, visto que, para a História ela é um testemunho e não algo transcendental. Neste sentido, o projeto objetiva dessacralizar a jovem diamantinense, Helena Morley, e sua obra, situando ambas em seu momento histórico, retirando assim a ideia de genialidade a elas atribuída. Para tal, esta pesquisa trabalha com a obra da menina entrecruzando-a com duas publicações memorialistas feita por mulheres dos oitocentos, sendo elas, *Dias ensolarados no Paraíso*, de Brázilia Lacerda e *Páginas de recordações*, de Floriza Ferraz. Dessa maneira, notou-se nestas obras, assim como a de Helena, que: as autoras pertenciam à elite; escreveram sobre uma infância aparentemente feliz e livre; o casamento aparece quase como destino inevitável; é abordado o lugar do ex-escravizado no pós-abolição. Sobre este último, percebe-se que Morley é posta como aquela que concede voz aos subalternos, todavia, ao ser racista é colocada como filha de seu tempo. Posto isto, este projeto procurou trabalhar a obra de Helena, além do entrelaçamento com obras literárias, juntamente à imprensa, sendo possível encontrar outras garotas diamantinenses que também questionavam a condição das mulheres no século XIX.



Referências

CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo A. de Miranda (orgs). A História Contada: capítulos de História Social da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo A. de Miranda; NEVES, Margarida de Souza (orgs).

História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil. 1. ed. São Paulo:UNICAMP, 2005.

BORGES, Kátia Franciele Corrêa. Fiar, tecer e rezar: a história das mulheres na Fábrica de Tecidos do Biribiri (1918-1959). Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2019. 175 f.

MAGNANI, Maria Claudina Almeida Orlando. O hospício da Diamantina - 1889 - 1906. Dissertação de mestrado - Programa de Pós - graduação em História das Ciências da Saúde - FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2004. 113 f.

OLIVEIRA, Clóvis Maurício de . Literatura no Ensino Médio: a recepção da obra Minha vida de menina, de Helena Morley. 2021. 166 f. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras.

ORSOLIN, Silvana Capelari. UM OLHAR PELO BURACO DA FECHADURA: as personagens femininas oitocentistas no diário Minha Vida de Menina, de Helena Morley. 27/03/2018 126 f. Mestrado em Estudos Literários Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, Uberlândia Biblioteca Depositária: REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFU.

PINTO, Helder de Moraes. Entre a casa e a rua: uma história da mocidade de Diamantina - MG no final do século XIX. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. 418 f.

RECCHIA, Cristal. Perspectivas femininas em Helena Morley e Lygia Fagundes Telles: Minha vida de menina e As meninas 01/08/2008 98 f. Mestrado em ESTUDOS LITERÁRIOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST. PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/ARARAQUARA, Araraquara Biblioteca Depositária: UNESP - Faculdade de Ciências e Letras/Campus de Araraquara.

REIS, Daiane. Helena Morley: personagem plural. 25/06/2013 108 f. Mestrado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis Biblioteca Depositária: BU – UFSC



SILVESTRE, Penha Lucilda de Souza. *Diário de uma vida de menina: cinema e literatura no Brasil (representações da personagem feminina)*. 2011. 438 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2011.

SOUSA, Gabriela Marques de. *Entre diamantes e cascalhos: a Escola Normal de Diamantina*. 2021. 387 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2021.5537>.